

869.09  
H.578  
v.5

1597843

© Publicações Alfa, 2001

**Direcção do volume 5**

Carlos Reis

**Colaboradores do volume 5**

Álvaro Manuel Machado, Carlos Reis, Cristina Mello, Isabel Pires de Lima, José Augusto Cardoso Bernardes, Maria Aparecida Ribeiro, Maria Eduarda Santos, Maria Helena Santana, Maria João Simões, Maria José Sousa, Maria do Rosário Milheiro, Maria Saraiva de Jesus, José Luís Pires Laranjeira

**Editor**

Francisco Lyon de Castro

**Publicações Alfa**

Av. António Augusto de Aguiar, 150, 5.º Esq.  
1050-022 LISBOA

**Realização gráfica**

Gráfica Europam, Lda. — 2001  
Mem Martins — Portugal

Depósito legal n.º 160105/01

ISBN: 972-626-256-9 (obra completa)

ISBN: 972-626-260-7 (volume 5)

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo — electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo xerocópia ou gravação — sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se, naturalmente, a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares, donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial.

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900015093

## História da Literatura Portuguesa Plano Geral da Obra

**Volume 1**

Das Origens ao Cancioneiro Geral

**Volume 2**

Renascentismo e Maneirismo

**Volume 3**

Da Época Barroca ao Pré-Romantismo

**Volume 4**

O Romantismo

**Volume 5**

O Realismo e o Naturalismo

**Volume 6**

Do Simbolismo ao Modernismo

**Volume 7**

As Correntes Contemporâneas

Por se tratar de um período mais próximo de nós, iniciámos a publicação pelo volume 5, «O Realismo e o Naturalismo».

24-40

## A difusão do Realismo e do Naturalismo em Portugal

MARIA SARAIVA DE JESUS

*A difusão do Realismo e do Naturalismo em Portugal requer, antes de mais, a superação do legado literário ultra-romântico. Por outro lado, o advento da Regeneração e uma crescente preocupação com questões de ordem técnica e industrial favorecem a atenção que começa a ser dada a problemas de natureza social e económica. A tudo isto vem juntar-se uma extraordinária actividade ideológica e científica que ocupa a Europa e que, sobretudo através da Geração de 70, se reflectira em Portugal na divulgação de nomes e teorias filosóficas e científicas: Comte e o positivismo, Darwin e o darwinismo, Proudhon e o socialismo, Taine e o determinismo, etc.*

### Do Ultra-Romantismo ao Realismo

A instauração do Realismo e do Naturalismo em Portugal fez-se como reacção ao estado de decadência e esgotamento a que chegara o romantismo, na sua forma excessiva e degradada a que Teófilo Braga chamou Ultra-Romantismo.

Embora já em 1836 Castilho empregasse pejorativamente o neologismo «ultra-romântico», para criticar os elementos melodramáticos de certa literatura da época (cf. a sua carta de 1 de Maio de 1836 a José Vitorino Freire Cardoso da Fonseca, em que Castilho reconhecia, aliás, o excessivo carácter «declamatório» de alguns passos de *A Noite do Castelo*), a verdade é que o próprio Castilho vai contribuir decididamente para a cristalização e estereotipação de temas e estruturas literárias. Com a morte de Garrett em 1854 e a ausência de Herculano dos meios literários, em especial a partir de 1859, criou-se um vazio na vida cultural do País que permitiu a uma figura convencional e pouco criativa como Castilho adquirir um brilho que o seu valor literário não justifica. Agrupou-se à sua volta um conjunto de admiradores e jovens escritores que tinham de se submeter à sua protecção

para ingressarem no mundo literário, formando aquilo a que Antero de Quental chamou «a escola do elogio mútuo», na polémica da Questão Coimbrã.

Por outro lado, também o contexto político e sociocultural da Regeneração favorecia o conservadorismo, o formalismo e a monotonia, instalados na vida nacional de uma forma praticamente institucionalizada.

O liberalismo parlamentar instaurado com o golpe de Estado do marechal Saldanha, em 1851, iniciou um período de estabilidade política, com recurso ao fenómeno do caciquismo e ao rotativismo partidário, a que correspondeu um extenso programa de melhoramentos materiais que difundiu a impressão de que se estava a passar por um período de progresso que importava exaltar, dando origem a um patriotismo oco e convencional, que escondia no culto da retórica a falta de imaginação e sentido crítico. É um patriotismo deste tipo, cultivado por Tomás Ribeiro, Pinheiro Chagas e Castilho, por exemplo, que mais tarde Antero e a sua geração vão meter a ridículo.

A estagnação a que chegou a literatura ultra-romântica não se pode dissociar da configuração do público a que se dirigia e cujo gosto literário ajudou a formar. Os melhoramentos materiais, mormente no domínio dos transportes, permitiram um melhor escoamento da produção agrícola e uma maior expansão do comércio, o que, juntamente com a abolição de certos privilégios da aristocracia e do clero, contribuiu para o desenvolvimento de classes médias rurais e urbanas com crescente poder político e desejo de aculturação. Assim, desenvolve-se cada vez mais a ânsia de leitura originada com a ascensão da burguesia, para a qual a literatura é um passatempo de bom-tom, invadindo os lares, os salões, a vida social e política da nação. Como observa Teófilo Braga, «o Ultra-Romantismo propagou-se das letras para as famílias burguesas, dando-se na nação o singular fenómeno da perda do senso de ridículo» (*As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, Porto, 1892).

Os folhetins levam a cada família burguesa as aventuras mirabolantes que despertam a emoção e a curiosidade do leitor, apesar das receitas de gosto duvidoso. A poesia da época liga-se estreitamente ao circunstancialismo mundano: as raparigas burguesas colhem nos seus álbuns dedicatórias e versos dos seus galanteadores; recitam-se ao serão poemas de Soares de Passos, Luís Augusto Palmeirim e João de Lemos (o Eusebiozinho, a recitar mecanicamente versos de «A lua de Londres», de João de Lemos, n' *Os Maias*, reproduz sugestivamente este costume); cantam-se ao piano as composições da moda; compõem-se poemas comemorativos ou hinos patrióticos para saraus, festas de beneficência, festas religiosas, festas escolares, etc.

Esta apetência do público provoca um surto de revistas e jornais poéticos em que, entre poucas figuras de algum valor, prolifera a mediocridade: *O Novo Trovador* (criado em Coimbra, em 1851, por Soares de Passos, na senda de *O Trovador*, este iniciado em 1844, sob a égide de Castilho); *a Harpa do Mondego* (1855, Coimbra); *A Lira da Mocidade* (1849, Porto); *O Bardo* (1852-1854, Porto); *A Grinalda* (1855-1869, Porto); etc.

Mas os novos tempos acabam por levar a uma mudança progressiva nos costumes e no estilo de vida, que se processa sobretudo a partir de 1850 e que não deixa de influir na atitude de protesto da Geração de 70. Com a construção de fábricas, a era da locomotiva, o impulso dado ao ensino industrial e agrícola, etc., o País moderniza-se e os espíritos tornam-se a pouco e pouco mais práticos e menos propensos às paixões violentas e desordenadas.

Os jovens universitários, os engenheiros, os tipógrafos e outros profissionais ligados às novas actividades seguem criticamente o que se passa no País e no estrangeiro, lêem Proudhon, Victor Hugo e outros escritores de ideologia humanitária, cujas ideias orientaram as revoluções europeias de 1848 e os protestos contra Napoleão III, a ocupação estrangeira de Itália e de outros países.

A imprensa periódica operária, apesar de Portugal se encontrar num estágio de industrialização apenas incipiente, exerce um papel importante na difusão do descontentamento com o estado de coisas da Regeneração: *o Eco dos Operários* (1850-1851, Porto), orientado por Sousa Brandão e Lopes de Mendonça; *A Esmeralda* (1850-1851, Porto); *A Península* (1852-1853, Porto), em que se publicam importantes artigos de Amorim Viana; etc. Em 1852 cria-se a Sociedade Promotora do Melhoramento das Classes Laboriosas. Surgem os primeiros socialistas, precursores dos doutrinários da Geração de 70: Latino Coelho, Rolla, Casal Ribeiro, Henriques Nogueira, etc.

A literatura começa a dar sinais das novas preocupações com a realidade. Na lírica, lado a lado com o contemplativismo lamartiniano, com os temas cemiteriais e funéreos, com o folclorismo convencional, começam a aparecer temas humanitários e progressistas, influenciados pela fase de protesto libertário de Victor Hugo. Encontram-se estas duas facetas mesmo nalguns dos poetas atacados pelo grupo de Antero na Questão Coimbrã, como Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro e Soares de Passos. A poesia panfletária tem então um grande impulso em poetas como Mendes Leal e Guilherme Braga. Por volta de 1860, surge no Porto, em torno de *A Grinalda*, um grupo de escritores mais preocupados com temas humanitários e com a crítica de costumes, como Rodrigo Paganino, Júlio Dinis e Ramalho Ortigão. No teatro, o dramalhão ultra-romântico e o drama histórico cedem o passo ao «drama da actualidade» voltado para a representação dos costumes e dos problemas da sociedade burguesa e das classes trabalhadoras, embora muitas vezes esta «actualidade» seja apenas um pano de fundo para a pintura das paixões românticas exacerbadas e para a exaltação moralizante da virtude e do trabalho honrado. No conto, na novela e no romance, a tendência é também para a representação de costumes e a denúncia das injustiças sociais; títulos e subtítulos como «cenas da vida contemporânea», «romance social» e «quadros da vida moderna», por exemplo, denunciam a influência de Balzac.

Estas novas tendências para explorar a realidade coeva levaram, na segunda metade da década de 50, autores como Mendes Leal, Andrade

Ferreira e Ernesto Biester a teorizarem aspectos do que então se considerou «a escola realista», mas convém notar que este «realismo» não se identifica com o conceito periodológico do Realismo que na década de 50 dava os primeiros passos em França, nas obras literárias e doutrinárias de Flaubert, Murger, Champfleury e Duranty. Mendes Leal, por exemplo, ataca o «realismo cínico» de Murger e Champfleury, que mostrava «a verdade ignóbil, a verdade nauseante, a verdade pustulenta, a verdade calosa dos pés, disforme do corpo, estanhada de rosto», e exalta «a verdade pura, simples e santa», «a que melhora, consola e honra a humanidade», que diz caracterizar o «drama da actualidade» ou «comédia-drama», nos seus «Apontamentos para uma questão de arte», prefácio à comédia-drama *A Redenção*, de Ernesto Biester, publicada em 1856.

Por esta oposição já se pode imaginar o grau de idealização que caracterizava o «realismo» defendido por Mendes Leal e, de um modo geral, pelos literatos preocupados com a acção recíproca entre a literatura e a vida na década de 50. Defende-se uma maior aproximação da realidade contemporânea, mas apenas nos seus aspectos nobilitantes, aqueles que, numa perspectiva pedagógico-moralizante, seriam susceptíveis de «melhorar, consolar e honrar a humanidade».

Assim, os problemas e os conflitos resultantes das bruscas transformações por que passava a sociedade não são ainda vistos sob uma óptica sociológica; funcionam geralmente como pretexto para a projecção do individualismo romântico, a reivindicação de vagos anseios humanos, a crítica moralizante dos preconceitos sociais, da corrupção, do oportunismo político, dos malefícios do dinheiro, tudo isto veiculado por uma intriga de cariz romântico, recorrendo muitas vezes à pintura das paixões exacerbadas e ao apelo fácil às lágrimas do público.

A ambiguidade estética deste «realismo» não se pode dissociar dos condicionalismos políticos e socioculturais da Regeneração. Para além do facto de que o escritor de transição entre o Ultra-Romantismo e o Realismo dificilmente poderia rejeitar completamente toda a sua produção anterior, as relações de apadrinhamento necessárias ao triunfo literário e a acomodação do escritor triunfante ao sistema político, através dos cargos públicos que lhe valiam os seus sucessos, criam condições para a instauração do fenómeno da «literatura oficial», atenuando qualquer impulso crítico por parte dos escritores, o que ainda mais evidencia a estabilidade do regime.

Lopes de Mendonça, por exemplo, co-fundador do *Eco dos Operários*, em que divulgou vários aspectos do socialismo utópico francês, principalmente as ideias de Proudhon, ao ingressar nas fileiras conservadoras da Regeneração, acomoda-se e considera satisfeitas as suas reivindicações socialistas iniciais. A evolução de Mendes Leal do drama histórico e melodramático para o drama de actualidade é acompanhada por uma brilhante carreira de deputado, conselheiro, ministro, etc., durante o período

da Regeneração. Ernesto Biester, prolífico cultor do «drama da actualidade», na esteira de Mendes Leal, e defensor da «reprodução verdadeira dos costumes contemporâneos», não consegue desligar este conceito de «realismo» de um pendor moralizante que atravessa toda a sua obra e que é, aliás, reconhecido pelo Estado, ao condecorá-lo, em 1865, com a Ordem de Santiago, «em atenção ao serviço que prestara à moral pública com *Os Difamadores*». Tomás Ribeiro, ligado à «pedantocrácia» de Castilho, segundo a expressão de Teófilo Braga, e brilhante diplomata e político, apregoa o «realismo» dos seus temas humanitários, decalcados em Victor Hugo, e é na altura considerado «o mais revolucionário dos nossos poetas».

Todos estes exemplos, e muitos outros que se poderiam apontar, se por um lado afirmam o poder do *establishment* para neutralizar os sinais de dinamismo e mudança que apontam na procura deste «realismo», assimilando-o ao serviço da sua própria ideologia, por outro lado, pelo contraste instituído, despertam nos espíritos mais lúcidos e independentes a consciência da necessidade de ultrapassar este estado de estagnação cultural.

É o que acontece com a geração de Antero, rebelde e independente, formada nas novas ideias, importadas sobretudo de França, que lhe chegam facilmente através dos caminhos-de-ferro, meio importantíssimo de divulgação dos novos livros, resultantes da vasta actividade editorial então empreendida pelas editoras Hachette, Hetzel, Charpentier, etc. Assim, a própria política regeneradora de desenvolvimento dos meios de comunicação, nomeadamente de estradas e caminhos-de-ferro, fomentada por Fontes Pereira de Melo, é ao mesmo tempo a mola propulsora que vem permitir a oposição e a ultrapassagem do estado de coisas criado pela Regeneração.

Vale a pena revermos o que diz Eça de Queirós da atmosfera mental e cultural vivida em Coimbra em 1862 ou 1863, nas célebres páginas escritas para o *In Memoriam de Antero*:

«Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes, num grande tumulto mental. Pelos caminhos-de-ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França), torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico e Proudhon; e Hugo, tornado profeta e justiceiro dos Reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros!» (Eça de Queirós, «Um génio que era um santo», in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, s.d., p. 254).

Como se pode ver pelas múltiplas e díspares influências referidas, é uma excitação ainda romântica que caracteriza este «tumulto mental». Entre a mistura de influências filosóficas, políticas, literárias, do domínio da história e das ciências naturais, entre a sugestão das teorias avançadas de Darwin, avultam nomes de referência ainda romântica (Michelet, Hegel, Hugo,

Goethe, Poe, Heine...), como são românticos os entusiasmos suscitados pelos acontecimentos internacionais («o culto de Garibaldi», «a violenta paixão da Polónia retalhada», etc.), «a descoberta suprema» do amor da humanidade, «a preocupação ansiosa das origens», das religiões primitivas e dos poemas orientais, em que o «despertar do espírito filosófico» não se dissocia inteiramente do exotismo romântico...

O mesmo se depreende de outro texto memorialista de Eça, referente à sua vida de estudante em Coimbra. Na carta a Carlos Mayer, escrita em 1867, diz-lhe Eça que «naqueles tempos, segundo a fórmula do Evangelho, o romantismo estava nas nossas almas», e identifica os dois grupos em que se dividia a mocidade coimbrã: «De um lado os pagãos, os clássicos, os positivistas; do outro os bárbaros, os românticos, os místicos» (Eça de Queirós, «Uma carta», in *Prosas Bárbaras*, Lisboa, s.d., p. 215). Eça, juntamente com os amigos que mais tarde farão parte da Geração de 70, situa-se no segundo grupo, e das três correntes estéticas referidas (o Classicismo, o Romantismo e o Realismo) apresenta o Realismo com certa conotação negativa, identificando-se mais com o Romantismo.

É, portanto, para utilizarmos a expressão de António Sérgio, um terceiro Romantismo, impulsionado pelo carisma de Antero de Quental, que se vai opôr ao Ultra-Romantismo estabelecido. Não se formula ainda o conceito estético-periodológico de realismo, mas esta excitação romântica mantém estreitas afinidades com a prática cultural e literária que vai instaurar o Realismo e o Naturalismo em Portugal, através de uma concepção comum acerca da função social e interventora da literatura, vista essencialmente como arte de motivação contemporânea e da acção revolucionária. Esta concepção, desenvolvida em vários textos que documentam esta fase de transição, tais como a «Nota sobre a missão revolucionária da poesia», de 1863, prefácio à primeira edição das *Odes Modernas*, de Antero, e os textos por ele produzidos para a Questão Coimbrã, coincide com as ideias de Eça sobre a «nova literatura» na sua conferência apresentada no Casino Lisbonense, e com a actividade crítica e literária que se lhe segue, na campanha de *As Farpas*, nas obras de Eça mais ortodoxamente naturalistas, na poesia panfletária de Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo, etc.

### Influências fundamentais

Tal como já acontecera com a difusão do Romantismo em Portugal, foram os contactos com o exterior que possibilitaram uma nova revolução na cultura portuguesa, por uma geração igualmente jovem e entusiasta, mas obviamente com uma mundividência diferente, configurada por novos condicionalismos histórico-culturais.

Vive-se, na segunda metade do século XIX, uma crise europeia em que os factos da história económica, social mental e política de um país assumem facilmente uma dimensão internacional, propiciada pelo desenvolvimento dos novos meios de comunicação. Em Portugal, a geração da Ideia Nova, formada num ideário vagamente liberal e «progressista», pode mais facilmente confrontar a distância entre a ideologia oficial e a prática das instituições, com a consciência desperta pelas recentes reivindicações socialistas e pelos violentos acontecimentos europeus, seguidos de longe, mas apaixonadamente, bem como as novas descobertas surgidas no campo das ciências naturais e aplicadas a outros domínios.

Assim, sem rejeitar a herança dos ideais primordiais do Romantismo e do Liberalismo, em figuras do primeiro Romantismo como Garrett e Herculano (este viria a ser um dos mestres de uma parte da Geração de 70 e de autores a ela ligados, como atestam os testemunhos de admiração de Antero, Eça, Guerra Junqueiro, Anselmo de Andrade, Fialho de Almeida e Gomes Leal), a verdade é que foram as leituras estrangeiras, directamente de França ou por via francesa, o principal motor da renovação literária e cultural então empreendida.

As radicais transformações ocorridas durante o século XIX no mundo ocidental devem-se, sobretudo, aos efeitos da revolução industrial, rapidamente promovida pelo progresso das ciências e dos novos inventos. Se, por um lado, as novas descobertas científicas acentuavam a noção do progresso e davam ao homem a impressão de que facilmente poderia dominar o mundo e conquistar as riquezas e a felicidade desejadas, por outro lado também o obrigavam a uma reavaliação da sua própria imagem, como ser físico e como ser moral, e levavam-no a confrontar a prosperidade e expansão de uma parte da população com a miséria e a chocante exploração a que eram submetidas as massas populares. O desenvolvimento do proletariado, a progressiva morte da pequena indústria e do artesanato, o desenvolvimento do capitalismo, o êxodo rural e o crescimento das cidades são acompanhados por graves problemas sociais e pelas revoltas e reivindicações daí decorrentes. Os melhoramentos gradualmente introduzidos (a proibição do trabalho de mulheres e crianças nas minas de carvão, a redução para dez horas de trabalho diário, as leis de segurança e higiene, etc.) servem, sobretudo, para sublinhar as péssimas condições de vida então existentes. Neste estado de coisas, os trabalhadores começam a unir-se e esboçam os primeiros movimentos socialistas, orientados pelos intelectuais que lhes são solidários; define-se uma ideologia da classe operária; os acontecimentos mais notórios apontam para uma transformação da estrutura social e política: a criação da Sociedade Cooperativa, na Inglaterra (1843); a organização da união sindical na Alemanha (1844); a Associação do Trabalho formada em Berlim (1848); as revoluções europeias de 1848; a publicação do *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, e do *Droit au travail*, de Louis Blanc (1848); a publicação de

*Qu'est-ce que la propriété?* (1840) e de outras obras em que Proudhon advoga um socialismo de feição utópica, idealista, em oposição ao materialismo dialéctico de Marx e Engels; a fundação da Primeira Internacional Operária, em Londres (1864); o movimento operário inglês, intitulado «da Reforma» (1868) a proclamação da Primeira República Espanhola (1868); o ataque ao Papado e a unificação da Itália, após a longa campanha de Garibaldi (1870); as sangrentas lutas da Irlanda contra os ocupantes ingleses e da Polónia contra o czarismo; a Comuna de Paris e a constituição da Terceira República Francesa (1870-1871).]

Estes acontecimentos foram, de um modo geral, seguidos atentamente por Antero, Eça, Teófilo e outros jovens de Coimbra, cujos depoimentos atestam a grande importância que teve, no despertar da sua consciência, a visão desta Europa em transformação, da qual lhes parecia depender o futuro de Portugal.

É, sobretudo, na década de 60 que se dá também uma grande renovação no campo das ideias, a acompanhar este conjunto de movimentos sociais e políticos. As noções fundamentais que dominam a mundividência desta geração são as ideias de evolução e progresso. À filosofia da ordem instaurada pelo Ultra-Romantismo vem opor-se a visão de um mundo novo, caracterizado pela mobilidade e pelo relativismo. Põem-se, assim, em causa as estruturas ideológicas mais antigas e mais arraigadas.

A noção de evolução foi desenvolvida principalmente no campo das ciências biológicas. Desde o início do século, Lamarck vinha a elaborar a sua teoria do transformismo, segundo a qual as plantas e os animais se vão modificando de modo gradual, a partir de formas de vida anteriormente existentes. Mas o facto capital da ciência e do pensamento do século XIX foi, sem dúvida, a publicação, em 1859, da *Origin of Species by means of Natural Selection*, de Darwin, em que este sustentava que o homem descende dos animais inferiores, verificando-se nas espécies animais uma luta contínua pela existência, o que leva à sobrevivência dos mais fortes, por um processo de selecção natural, e à transformação animal no sentido de uma mais perfeita adaptação ao meio. A teoria evolucionista de Darwin vem alterar profundamente a ideia que o homem tem de si mesmo, as suas crenças religiosas e a ideologia do poder que serve as classes dominantes, provocando uma violenta polémica que vem atrair ainda mais as atenções para a obra. Em 1860 a *Origin of Species* é traduzida para alemão e em 1862 para francês (língua em que se torna conhecida em Portugal), espalhando rapidamente a sua influência em todo o mundo. Em *The Descent of Man*, de 1871, Darwin reafirma e desenvolve as mesmas ideias, partindo da asserção básica de que o homem descende do macaco.

Mas a grande ênfase que então recebe a ideia de evolução, aplicada a vários domínios, é também, até certo ponto, fruto do pensamento anterior, em especial de Hegel, autor pouco conhecido fora da Alemanha durante o

período romântico, porém bastante difundido durante a segunda metade do século XIX, através de traduções francesas e das suas ressonâncias no pensamento de vários discípulos. De acordo com a tese hegeliana, a natureza e a história desenvolvem-se por um encadeamento dialéctico, em que o pensamento e a realidade tendem a negar-se continuamente, convertendo-se no seu estado oposto (antítese), que por sua vez se converterá num outro estado oposto (síntese), sem com isto repetir o estado inicial do processo (tese), já que a síntese abrangerá a tese e a antítese, numa unidade que as suprime e ao mesmo tempo as conserva. Esta concepção pressupõe que toda a evolução é um progresso, partindo do rudimentar para o mais complexo, do inferior para o superior.

Desenvolve-se, assim, o interesse pelos estudos históricos, sobretudo pelos problemas das origens (a pré-história, a origem da vida, as religiões primitivas), mas também por disciplinas recentes, que estudam o homem e as suas instituições (a antropologia, a sociologia, o estudo dos mitos, a linguística, etc.).

Deste modo, acentua-se e sistematiza-se a mentalidade historicista que já vem do italiano Vico e do alemão Herder e que tanto influenciou os românticos. Mas enquanto para Herculano, discípulo de Guizot e Thierry, e também adepto da visão de Herder da Idade Média como época de gestação do puro «espírito do povo» de cada nação, a História circunscreve-se às instituições políticas e jurídicas, não pondo em causa a teoria económica do Liberalismo nem as raízes do Cristianismo, a partir da difusão do hegelianismo e mormente desde os estudos de Marx, a História volta-se para os fundamentos técnicos e económicos e para as estruturas mentais do homem, adquirindo uma função altamente indagadora e especulativa. Trata-se de indagar do sentido da vida e da natureza humana, vista num processo de definição progressiva e dialéctica.

São sobretudo Michelet e Victor Hugo, ambos adversários do regime de Napoleão III, que contribuem para a difusão da teoria geral da historicidade e do progresso. O primeiro, através das suas obras *Histoire de France*, *L'Oiseau*, *La Femme*, *Le Prêtre*, *La Sorcière*, *La Bible de l'Humanité*, apresenta a história do homem como o triunfo progressivo da consciência humana sobre os vários condicionalismos que limitam a vida humana e realiza uma vasta campanha anticlerical. O segundo, do seu retiro de Guernesey, na luta contra o Segundo Império, torna-se arauto da concepção progressista da evolução da humanidade em direcção a um futuro brilhante, expressa em especial na sua *Légende des siècles*.

As novas concepções e as novas descobertas levam a um movimento de cepticismo religioso em que o Cristianismo é posto em causa, pela raiz, nas obras de vários discípulos de Hegel. Strauss explica a *Vida de Jesus* (1835) por uma concepção mítica, não histórica. Feuerbach, na sua obra *A Essência do Cristianismo* (1841) apresenta a crença de Deus como uma alienação do ser

finito que se projecta no Ser Absoluto, tendendo assim para a absolutização da natureza. Renan, através das suas obras *L'Avenir de la science* (1849), *Vie de Jésus* (1863) e *Les Origines du Christianisme* (1863-1883), vem abalar profundamente as crenças cristãs que ainda persistiam nalguns espíritos românticos. Todas estas obras tiveram larga difusão em Portugal, através de várias traduções. Eça de Queirós, no texto intitulado «Um génio que era um santo», já citado, testemunha o ambiente de cepticismo religioso que se vivia em Coimbra na década de 60.

Os métodos científicos, com a ênfase na análise racional dos dados observados e a desvalorização ou recusa de qualquer transcendentalismo, foram aplicados não só aos estudos religiosos, mas a vários domínios até então apenas especulativos, como a filosofia, a psicologia, a ética, a literatura e a arte.

Na filosofia, a aplicação dos métodos da ciência física ao domínio da razão deu origem ao Positivismo de Auguste Comte, desenvolvido numa série de obras publicadas entre 1830 e 1857, em que se concebe a evolução do pensamento humano em três estádios: o teológico, que produziu o pensamento mítico; o metafísico, em que se elaboram abstrações; e, finalmente, o pensamento «positivo» da era científica, visto como o único meio de atingir o conhecimento válido.

É ao Positivismo de Comte e ao Determinismo de Taine (que apresenta o homem como resultado de factores de condicionamento como a raça, o meio e o momento histórico, nas suas obras *Histoire de la littérature anglaise* e *Essais de critique et d'histoire*) que o Naturalismo vai buscar os seus principais fundamentos ideológicos, como foi mostrado no capítulo anterior. Esta influência faz-se não só através dos textos teóricos destes estudiosos, mas também por meio dos textos programáticos e literários que eles suscitaram em França, principalmente de Flaubert e Zola.

### A recepção portuguesa

Alguns dos mentores do terceiro Romantismo português vinham já deixando marcas na segunda geração romântica: Victor Hugo, Michelet, Proudhon, Heine, Balzac, etc. Mas o humanitarismo e os impulsos libertários por eles acordados eram, como se referiu, neutralizados no culto da retórica e assimilados na estase da acomodação geral. Com a geração de Antero, Teófilo Braga e Eça, no entanto, estas influências comuns são intensificadas e a sua ideologia é considerada no seu valor literal, num mesmo movimento de descoberta que centraliza todos os interesses, como nos descreve Eça no texto atrás citado do *In Memoriam de Antero*: «Mas a nossa descoberta suprema foi a da Humanidade. Coimbra de repente teve a visão e a consciência adorável da Humanidade. Que encanto e que orgulho! Começámos logo a

amar a Humanidade, como há pouco, no ultra-romantismo, se amara Elvira, vestida de cassa branca ao luar. Por todos os botequins de Coimbra não se celebrou mais senão essa rainha de força e graça, a Humanidade. E como num meridional de vinte anos lírico de raiz, todo o amor se exala em canto — não houve moço que não planeasse um grande poema cíclico para imortalizar a Humanidade» (*Notas Contemporâneas*, p. 255).

Não se estranha que, neste ambiente, Antero tenha escrito em 1863 as *Odes Modernas*, publicadas em 1865, e Teófilo Braga *Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras*, em 1864, sob o impulso da epopeia da libertação dos homens realizada por Michelet (na qual ressoam as ideias de Vico e Herder) da concepção de Victor Hugo da evolução da humanidade para um futuro radiante (evidente no revolucionarismo dos seus *Châtiments* e da *Légende des siècles*, que inspiraram directamente as obras de Teófilo Braga citadas) e da noção do reinado de justiça a realizar na Terra que orienta a revolução proudhoniana (na qual ecoa, aliás, a dialéctica da evolução de Hegel).

Nas *Odes Modernas*, a influência de Victor Hugo é visível como modelo poético de uma epopeia da humanidade, através de sínteses históricas que provêm de Michelet e seguindo uma ideia de evolução que é sobretudo a de Hegel. O próprio Antero de Quental, na sua carta autobiográfica ao tradutor alemão Wilhelm Storck, diz a propósito da obra: «O que ela representa perfeitamente é a singular aliança [...] do naturalismo hegeliano e do humanitarismo radical francês» (Antero de Quental, *Textos Doutrinários e Correspondência*, Lisboa, 1987 p. 229). A presença de Proudhon é visível na concepção geral de uma justiça revolucionária e inclusivamente em vocábulos típicos do verbalismo proudhoniano: revolução, liberdade, justiça, igualdade, etc. Esta influência é confirmada pelo autor na citação, numa nota, de vários títulos de Proudhon, em português, embora as obras não tenham sido traduzidas: *A Justiça na Revolução na Igreja*, *O Princípio Federativo*, *Criação da Ordem na Humanidade*, *A Revolução Social e o Golpe de Estado*. Antero de Quental nunca se libertaria da influência do Proudhon das obras citadas e ainda do *Système des contradictions économiques ou Philosophie de la misère* (1846). É Proudhon quem vai enformar a sua intensa actividade na defesa e divulgação do socialismo, do republicanismo e do federalismo ibérico. A propósito de uma possível confusão originada pelo seu «fraseado de sabor marxista», esclarece o Prof. Joaquim de Carvalho que «foi Proudhon, e não Marx, quem, nos anos de Coimbra, converteu Antero ao socialismo. [...] Mergulham em Proudhon as raízes da sua crítica à propriedade individual, ao salariato e à concorrência; a noção de que só o trabalho é produtivo; a missão nova do povo e, sobretudo, a ideia, hostil à ditadura do proletariado [...], de que o triunfo popular trará a extensão fraterna das mesmas liberdades a todos os indivíduos e, ainda, além de outras concepções histórico-filosóficas, a feição do seu antiultramontanismo [...] e a nova fundamentação, mais sociológica que histórica, do federalismo».

Quanto a Teófilo Braga, segundo o seu testemunho da vivência coimbrã, «a leitura da *Ciência Nova*, de Vico, das *Origens do Direito Francês*, por Michelet, revelando os vastos materiais da *Poesia do Direito Germânico*, de Jacob Grimm, abriam-nos um horizonte imenso para a compreensão do elemento sentimental das instituições sociais e para o lado vivo e sério da tradição dos povos. A alma repassava-se nesse oceano de Poesia, fecundada sobreabundantemente para a erudição e para a idealização, levando à frente as duas empresas — a exploração do Romanceiro, Cancioneiro e Novelística populares portuguesas, e a construção da Epopeia da Humanidade pela aproximação de todos os símbolos de cada povo ou civilização representando o esforço do resgate das fatalidades cósmicas e históricas até atingir a liberdade mental e social» (Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra nas Suas Relações com a Instrução Pública Portuguesa*, Lisboa, 1902, t. IV, p. 516). Com efeito, é sob a influência dos autores citados, mas sobretudo de Michelet e ainda de Victor Hugo, que Teófilo Braga adquire a noção da luta do homem contra a fatalidade, numa marcha ascensional até à liberdade consciente, que é o tema principal da *Visão dos Tempos*. O estudo da poesia popular e tradicional, sobretudo por Michelet, incentiva-o para a exploração erudita do mesmo filão, de que resultam obras como *Contos Tradicionais do Povo Português* (1883), *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições* (1885), *História da Poesia Popular Portuguesa* (1902-1905), *Romanceiro Geral Português* (1883). A partir de 1872, desligando-se do grupo liderado por Antero, ligado à ideologia de Proudhon, torna-se evidente em Teófilo Braga a influência do Positivismo de Auguste Comte, na versão que lhe é dada pelo seu discípulo Littré. O Positivismo passa a ser a base ideológica do movimento republicano liderado por Teófilo e é divulgado nas suas obras de doutrinação política e filosófica: *Traços Gerais da Filosofia Positiva* (1877), *História das Ideias Republicanas em Portugal* (1880), *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa* (1892), *Soluções Positivas da Política Portuguesa* (1912).

Também Eça de Queirós se dá conta dos pontos de contacto entre o pensamento de Michelet e o de Victor Hugo, e do grande estímulo que estes trouxeram para a renovação das ideias em Portugal, embora o próprio Eça fosse mais permeável às influências estéticas do que às influências ideológicas. Note-se, por exemplo, que as influências artísticas de Nerval, Baudelaire, Heine, Poe, Hoffmann e Flaubert, eivadas de certo pessimismo, foram para Eça muito mais significativas do que o optimismo combativo do sistema de ideias propagado por Michelet e Victor Hugo; ainda assim, os aspectos mais propriamente estéticos da obra destes dois últimos autores tiveram sobre a sua imaginação uma ascendência considerável na fase inicial da sua carreira. É Eça quem afirma que «quase aprendeu a ler nas obras de Hugo», mas sugere que esta influência é mais estética do que ideológica, tão impressionante é em Victor Hugo a «sua fortaleza de lutador» e o «raro poder do seu verso lírico». Sobre toda a obra de Hugo, diz Eça que «é, de facto,

uma vasta epopeia, em mil fragmentos de prosa e de verso, tendo por assunto a luta do Homem e da Fatalidade — fatalidade da Natureza, fatalidade da Religião, fatalidade da Sociedade [...] Essa dolorosa batalha do Homem e da Fatalidade [...] canta-a com a exaltação de um bardo — ora cheio de infinita compaixão, ora tomado de infinita cólera. Sob a indignação ou sob a piedade, porém, palpita sempre e fortemente a certeza da definitiva vitória do homem» [Eça de Queirós, «Victor Hugo (carta ao director da Ilustração)», in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, s.d., pp. 84-87].

Esta concepção evolucionista e optimista do destino do homem e o entusiasmo combativo que a anima foram os grandes impulsos da geração que viveu a Questão Coimbrã e as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense. Eça mantém-se um pouco alheio, neste ponto, ao espírito da sua geração, embora adira, sobretudo nas Prosas Bárbaras, a um vago romantismo humanitário, que exalta liricamente o proletariado faminto, tal como Victor Hugo o fez em *Les Misérables*. Antero, Teófilo Braga e Oliveira Martins são os representantes mais típicos do humanitarismo evolucionista e optimista da Geração de 70, sob a influência de Victor Hugo, Michelet, Feuerbach, Pelletan, Proudhon, etc.

Proudhon, também divulgador de Hegel em Portugal, foi, na verdade, o principal mentor e como tal um importantíssimo elemento agregador da Geração de 70. Nos tempos de Coimbra, era já explicado por Antero «com a serena familiaridade dos sábios» (cf. a carta de Eça a Carlos Mayer, citada). E mais tarde, nas reuniões do Cenáculo, também sob a liderança de Antero, diz Eça de Queirós que «começámos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes» (Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, p. 268).

Nas Conferências Democráticas, a presença de Proudhon mostra-se, assim, evidente em pelo menos cinco conferencistas: Antero, Eça, Adolfo Coelho, Batalha Reis e Oliveira Martins.

Em Antero nota-se esta influência nomeadamente na apologia da Razão humana, da Revolução e da transformação social, feita na sua conferência inaugural, e também no ideal do progresso, do socialismo e do federalismo republicano peninsular, contraposto às *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*.

Na conferência de Eça, não passou despercebida aos contemporâneos a identidade entre a finalidade moral da arte, defendida por Proudhon em *Du principe de l'art et de sa destination sociale* (1865), e o conceito de arte apresentado por Eça como representação idealista da natureza e do homem, com vista ao aperfeiçoamento moral e físico da espécie. Esta influência proudhoniana é combinada com a de Taine, na apresentação da arte como resultado de alguns condicionamentos permanentes (solo, clima, raça) e outros acidentais ou históricos (ideais condutores de cada sociedade). A referência a *Madame*

*Bovary*, de Flaubert, como exemplo de realismo na literatura, revela ainda uma influência que se tornará importante na produção literária de Eça e de outros autores realistas e naturalistas.

Quanto a Adolfo Coelho, na sua conferência sobre «O ensino» revela-se de acordo com a ideologia hegeliana-proudhoniana do Cenáculo, ao defender meios de ensino que levassem «o espírito à consciência de si próprio», isto é, «à concepção mais perfeita possível do seu destino» [António Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino* (1871), Lisboa, 1930, pp. 63 e 64].

Na conferência de Batalha Reis, apenas anunciada («O socialismo»), este pretendia discutir o proudhonismo de Antero e Oliveira Martins e desenvolver uma análise crítica das ideias de Proudhon, Marx e Engels.

Oliveira Martins, que também não pôde realizar a sua conferência, preparava então a sua *Teoria do Socialismo*, publicada em 1872. Revela-se discípulo de Proudhon nomeadamente nesta obra e em *Portugal e o Socialismo* (1873), nas quais a teoria do socialismo é enformada do conceito de evolução, no sentido de conduzir a uma sociedade sem classes, livre associação de indivíduos em que o Estado teria a propriedade de todos os valores não decorrentes do trabalho individual. Outra influência importante nos seus estudos historiográficos é Michelet, com quem Oliveira Martins aprendeu a técnica dos quadros pitorescos, com grande abundância de pormenores descritivos e com reconstituições psicológicas de figuras históricas. Para o fim da vida, Oliveira Martins torna-se permeável a influências mais pessimistas, como as de Schopenhauer e Hartmann, tal como aconteceu a Antero de Quental e de um modo geral a toda a Geração de 70.

Partindo do humanitarismo combativo de Victor Hugo e Michelet, da dialéctica de Hegel e das teorias socialistas de Proudhon, o Realismo português afirma-se na luta contra os excessos românticos e na observação e análise crítica dos costumes e dos problemas sociais do seu tempo, conduzindo rapidamente ao Naturalismo, ao aceitar as influências doutrinárias de Comte, Claude Bernard e Taine, recebidas directamente ou filtradas esteticamente por Flaubert e Zola, sobretudo. Para o fim do século, outros caminhos e outras influências se oferecerão à Literatura, com a contestação da euforia cientificista, do Positivismo e das teorias deterministas.

A chegada à vida e a  
atores desligados  
Castilho revela-se  
metade do século XIX. A  
polémica das nossas letras,  
Do que se trata, para Antero  
Pinheiro Chagas, etc.), é de  
e interventora, da poesia e

#### Antecedentes

Sendo frequentes na h  
nem sempre se revestem  
originam uma polémica  
culturais, rivalidade en  
tertúlias, desavenças pes  
a diferente projecção qu  
significado cultural de u  
princípio, a partir de dep  
eventualmente ataques  
ponderação sobre proble  
festo, tantas vezes utiliza  
para a suscitar), caracter  
pendor assertivo muito a  
posições e para retirar a  
debate de ideias e valore

De entre os motivos  
gerações e decerto dos m